

AFETIVIDADE EM SALA DE AULA; IMPORTÂNCIA E DESAFIOS NO ENSINO DE MATEMÁTICA

Atemilton Alves da Silva¹

RESUMO

Esse estudo avalia a influência da afetividade na relação professor aluno na disciplina de Matemática. O domínio da afetividade e seu impacto na Educação Matemática constitui um campo de ações de investigação que atualmente é muito relevante, especialmente quando se quer descrever, analisar, interpretar, explicar ou entender para transformar o processo de ensino e aprendizagem. Mudanças significativas no campo da Educação Matemática são necessárias para considerar fatores como crenças, conceitos, emoções e atitudes dos protagonistas de aulas nesta disciplina. Precisamos compreender que a afetividade possui uma influência positiva no ensino-aprendizagem de Matemática. O presente artigo trata dessa motivação, desse estímulo à aprendizagem, que pode nascer do bom relacionamento entre professor e aluno. Isso certamente está ligado à criação de laços de afetividade.

Palavras-chaves: Afetividade. Aprendizagem. Ensino. Matemática.

RESUMEN

Este estudio evalúa la influencia de la afectividad en la relación profesor alumno en la disciplina de Matemáticas. El dominio de la afectividad y su impacto en la Educación Matemática constituye un campo de acciones de investigación que actualmente es muy relevante, especialmente cuando se quiere describir, analizar, interpretar, explicar o entender para transformar el proceso de enseñanza y aprendizaje. Los cambios significativos en el campo de la Educación Matemática son necesarios para considerar factores como creencias, conceptos, emociones y actitudes de los protagonistas de clases en esta disciplina. Necesitamos comprender que la afectividad tiene una influencia positiva en la enseñanza-aprendizaje de Matemáticas. El presente artículo trata de esa motivación, de ese estímulo al aprendizaje, que puede nacer de la buena relación entre profesor y alumno. Esto ciertamente está ligado a la creación de lazos de afectividad.

Palabras claves: Afectividad. Aprendizaje. Educación. Matemáticas.

¹ Aluno do curso de Mestrado em Ciência da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales - FICS; Especialista em Matemática pura pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB Graduado em Ciências com Habilitação em Matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; Atua como professor de matemática, Ensino Fundamental, na rede municipal de Vitória da Conquista – BA e professor de matemática, Ensino Médio, na rede estadual de ensino no município de Anagé – BA. Email: atemiltonmat@hotmail.com

ABSTRACT

This study evaluates the influence of affectivity between teacher and student in the Mathematics discipline. The domain of affectivity and its impact on Mathematics Education is a field of actions of research that is currently very relevant, especially when one wants to describe, analyze, interpret, explain or understand to transform the teaching and learning process. Significant changes in the field of Mathematics Education are necessary to consider factors such as beliefs, concepts, emotions and attitudes of the protagonists of classes in this discipline. We need to understand that affectivity has a positive influence on the process of teaching and learning in Mathematics. The present article deals with this motivation, this stimulus to the learning, which can be born of the good relationship between teacher and student. This is certainly linked to the creation of bonds of affection.

Key-words: Affectivity. Learning. Teaching. Mathematics.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, baseado em pesquisa bibliográfica, trata-se a temática da afetividade na relação professor aluno com foco para a disciplina de Matemática. Levando em conta os seus vários significados e aplicações, trabalharemos a palavra afetividade na esfera pedagógica. A proposta é trabalhar com essa ferramenta extremamente importante para dar fim a essa ideia de antipatia com essa disciplina e com isso abrir caminhos para a aprendizagem.

O caminho da educação brasileira vem sendo definido, nas últimas décadas, por disposições que contrastam umas com as outras. No cenário atual, é voltada para a temática do ensino. Melhorar a qualidade da educação é o lema defendido, nesses últimos anos por governantes, educadores, técnicos e especialistas na área. É um movimento que não é isolado, mas de todo um quadro mundial.

Somos seres sociais, vivemos e interagimos trocando conhecimentos e saberes. Essa relação social não pode ser dissociada da prática educativa. Parte-se do pressuposto que boas relações de convivência entre professores e alunos podem ajudar no processo de ensino e aprendizagem da Matemática.

A maioria dos alunos acredita que não são capazes de aprender Matemática e com isso criam um bloqueio para essa disciplina. Por outro lado, observamos também

que sempre aparecem alguns alunos que gostam da matéria e que aprendem com mais facilidade e estes sempre falam bem de um professor de Matemática específico. Em ambos os casos é notória a presença de emoção nas falas desses alunos.

O principal objetivo desse artigo é apontar a influência da afetividade, na relação professor/aluno, no processo de ensino e aprendizagem escolar na disciplina de Matemática.

AFETIVIDADE

A afetividade possui uma gama de conceitos, bem como aplicação em várias áreas: pedagogia; psicologia; e filosofia, dentre outras. O maior foco aqui será dado para a aplicação pedagógica da afetividade.

Existem muitas referências ao termo afetividade, para Piaget (1962) a afetividade possui grande relevância no desenvolvimento humano, semelhante ao domínio funcional da inteligência. Afetividade e inteligência, embora possuam funções diferentes, são indissociáveis quando se trata da evolução do sujeito.

No Dicionário Aurélio (1984), o verbete afetividade está definido da seguinte forma:

Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza.

Muitas pessoas cometem o desacerto de tratar afetividade e carinho como sinônimos, porém não são manifestações de mesmo significado, visto que afeto envolve muitas denominações do âmbito emocional. Segundo Wallon (apud GALVÃO, 2003, p. 61):

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito mais abrangente no qual se inserem várias manifestações.

A afetividade no Ensino Formal não tem sido muito vivida, principalmente em Instituições de Ensino. Muitos docentes tradicionais ainda acreditam que o seu lugar na sala de aula tem destaque absoluto e com essa postura o professor torna-se quase uma figura inatingível para os seus alunos.

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO ENSINO-APRENDIZAGEM

A importância da afetividade na relação ensino aprendizagem vem sendo discutida como uma estratégia para a melhoria da qualidade do ensino.

O pleno desenvolvimento do educando é o oposto dessa abordagem conteudista ou reducionista, cujo foco é apenas o desenvolvimento da habilidade cognitiva. Trata-se de ampliar a responsabilidade da educação para as habilidades sociais e psicológicas, priorizando a afetividade, o equilíbrio e a convivência plural. O ensino da Matemática não pode ser verticalizado e muito menos fixado o conteúdo que deve ser memorizado pelos alunos com o objetivo de aprová-los ou conferir-lhes diplomas.

Como acredita Saltini (1999), o professor precisa conhecer o seu aluno. Mas deve conhecê-lo não apenas na sua estrutura bio-fisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que o cerca, bem como o que ele faz ali na sala de aula.

Acredita-se que a questão da afetividade deveria ser atendida pelos docentes desde o ensino fundamental menor, e esta importância encontra-se defendida nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), que indicam, como um dos objetivos do Ensino Fundamental, que os alunos sejam capazes de desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania.(MEC,1996)

Weil (1998) afirma que existem alunos sem nenhuma dificuldade no aspecto temporal, espacial e esquema corporal, com um bom nível de inteligência, mas que fracassam na aprendizagem de conteúdos. Quando estes alunos são investigados a nível afetivo-emocional, descobrem-se conflitos relativamente graves na família interferindo em seu desenvolvimento no sentido de promoverem regressão ou fixação em fase anterior de desenvolvimento.

Tanto a angústia como a depressão, diminuem a eficiência da aprendizagem. A perda de um ente querido ou mesmo de um animal de estimação, podem ocasionar estados depressivos que impedem o aluno de se envolver no sistema educacional. Da mesma forma, indivíduos com um nível muito alto de ansiedade em relação ao processo de ensino, podem apresentar dificuldades para aprender, pois seu estado permanente de tensão não lhes permite prestar atenção e participar das aulas.

Novaes (1976) salienta que o indivíduo ao ingressar no espaço de ensino formal já teve experiências relacionadas a diversas situações e irá reagir a esse novo ambiente de acordo com anteriores condicionamentos, sendo, portanto, frequente encontrarmos alunos que não conseguem adaptar, nem obter satisfatório rendimento nos estudos por estarem comprometidos com ansiedades e tensões psíquicas.

Monteiro (2004) deixa claro que muitos problemas de aprendizagem são gerados pela insegurança do aluno. Medo do professor, medo dos amigos, um medo de errar tão grande que os impede de tentar acertar. Na disciplina de Matemática as dúvidas vão acumulando porque esses alunos têm vergonha de fazer uma pergunta e serem apontados como os não inteligentes da classe, deixam de fazer exercícios porque não confiam no professor o suficiente para chamá-lo até a sua carteira e pedir explicações. A percepção que criam da disciplina é de algo difícil e assustador, e levam estes medos para os anos seguintes.

As funções do ego são as que mais interferem na aprendizagem intelectual e escolar. O mau desenvolvimento destas funções e sua má organização interferirão de forma negativa na aprendizagem.

A AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO

A valoração da dimensão cognitiva em detrimento da afetiva, na trajetória do processo educacional, tem limitado o processo de formação dos estudantes em todos os níveis escolares, trazendo prejuízo à construção da pessoa e do conhecimento.

"O educando, como o educador, é caracterizado pelas múltiplas determinações da realidade. Ou seja, é um sujeito ativo que, pela ação ao mesmo tempo se constrói ou aliena" (LUCKESI, 1990, p.67).

Nessa linha de pensamento o professor deve estar atento ao fato de que o aluno é um sujeito, como ele, com capacidade de ação e de crescimento e por isso,

um sujeito com capacidade de: aprendizagem, conduta inteligente, criatividade, avaliação e julgamento.

Sendo assim, o educando não pode ser visto como produto e resultado da ação pedagógica, mas um co-participante do processo educacional. Esta posição do aluno sujeito e objeto da educação pode gerar particular dificuldade para a atividade do professor.

Nessas condições, o ideal seria que todo educador tivesse uma formação psicanalítica para o bom desenvolvimento do relacionamento entre professor e aluno (LUCKESI, 1990).

Acredita-se com base em experiências que isso será possível através de uma efetiva comunicação didática, pois se observa que os maiores problemas em sala de aula tais como a falta de interesse, a indisciplina e a baixa produtividade decorrem geralmente do mau relacionamento professor e aluno. Manter distância em relação aos alunos é uma das formas de liberdade, pois lhe deixa maior espaço para agir. No entanto, sugere-se que o afeto e a disponibilidade do educador devem estar presentes.

Para Paulo Freire (1990), o desenvolvimento entre ação e experiência, e entre ser de uma maneira particular e como o mundo nos parece ser, indica que todo ato de conhecer produz o mundo. “A relação professor aluno em todos os níveis na escola ou fora dela revelam seu caráter essencialmente narrativo. Sujeito narrador – professor, objetos. Paciente – os alunos – que escutam” (FREIRE, 1990, p.81)

Compreende-se que a concepção de educação na visão de Paulo Freire é como um processo construtivo e permanente, que constitui tanto o horizonte como o princípio orientador do currículo da formação de professores, como desenvolvimento de competências, por meio da elaboração pessoal e re-significação de elementos transmitidos social e culturalmente. O professor fala da realidade como se esta fosse sem movimento, estática, separada em compartimentos, ou fala de um tema fora da experiência existencial dos alunos, fala de conteúdos que não contemplam a realidade do discente. A educação passa a ser um depósito.

O professor apresenta-se a seus alunos como seu “contrário” necessário: considerando que a ignorância deles é absoluta, justifica sua própria existência. Os alunos, alienados como o escravo na dialética hegeliana, aceitam sua ignorância como justificativa para a existência do professor, mas diferentemente do escravo, jamais descobrem que eles educam o professor. (FREIRE, 1990, p.89).

Analisando a citação acima, se verifica que a atividade educativa acontece nas mais variadas esferas da vida social (nas famílias, nos grupos sociais, nas instituições educacionais ou assistenciais, nas associações profissionais, sindicais e comunitárias, nas Igrejas, nas empresas, nos meios de comunicação de massa, etc.).

Assume, portanto, diferentes formas de organização. A finalidade geral do ensino é estimular a assimilação ativa dos conhecimentos sistematizados, das capacidades, habilidades e atitudes necessárias à aprendizagem, tendo em vista a preparação para o prosseguimento dos estudos e para o mundo de trabalho.

Cabe ao professor orientar o educando a dominar suas emoções e sentimentos considerados inferiores, bem como entender que o estado afetivo do educando interfere na aprendizagem, no comportamento e no rendimento escolar. É necessário incentivá-los a trabalhar em grupos e, principalmente, compreender os alunos quando esses fracassam.

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Durante a pesquisa, observou-se que muitos aspectos que têm a ver com afeto surgem de respostas emocionais. Mesma afirmação é levantada por Goleman (1996), que realizou importantes estudos sobre inteligência emocional, dando a esta o status de maior responsável pelo sucesso ou insucesso de um sujeito.

Em se tratando de Educação Matemática é necessário dar importância ao estudo das emoções, especialmente quando se sabe da existência de habilidades emocionais que estão diretamente relacionadas com assuntos de aprendizagem.

Emoções são conceituadas como um fenômeno afetivo e são acompanhadas por comoção orgânica característica. Esses recursos são expressões emocionais que acompanham a experiência do assunto e pode ser observado diretamente por mudanças no tipo fisiológico, tais como sudorese, respiração e vermelhidão facial atípica. De acordo com Goleman (1996), quando um determinado assunto é mencionado em frente a um indivíduo, sua pele pode ficar pálida ou avermelhada e pode não ser alterações do ritmo cardíaco, mas sim uma reação emocional, provocando estreitamento ou dilatação dos vasos sanguíneos.

Goleman (1996) cita uma série de habilidades quando se refere à inteligência emocional, tais como, auto-conhecimento, auto-regulação, controle de impulso,

motivação, perseverança e ansiedade que em muitos casos pode ser responsável pelo sucesso ou fracasso de alunos em Matemática. Acrescenta que a emoção é como “qualquer agitação ou perturbação da mente, sentimento, paixão; qualquer estado mental veemente ou excitado” (GOLEMAN, 1996, p 331.) E considera que é um sentimento associado com, entre outros: (a) pensamentos, (b) os estados psicológicos e biológicos, e (c) as tendências ato.

Em adição, as emoções estão associadas com raiva, ódio, tristeza, medo, prazer, amor, surpresa, frustração, repugnância, aversão ou vergonha. Sendo assim, fala-se de emoção quando, por exemplo, em uma classe, estudantes se exasperam ou mostram nervosismo, fobia, pânico ou prazer quando se fala em Matemática. Essas reações emocionais são de particular relevância na aprendizagem.

A raiva e o medo, em suas manifestações extremas, podem dificultar a capacidade intelectual e, portanto, a capacidade de aprender. Mas se estas reações ocorrem em intensidades moderadas, eles podem ser propulsores de aprendizagem.

No que diz respeito a alegria, muitas vezes ela predispõe o aluno a enfrentar qualquer tarefa, aumentando assim a energia disponível, inibindo sentimentos negativos, proporcionando descanso, entusiasmo e vontade de agir para melhorar a aprendizagem, caso contrário ocorre a tristeza. Em qualquer caso, as emoções são essencialmente impulsos para levar o desempenho de indivíduos com base na programação da reação automática.

Fazendo caracterizações mais precisas, Dante (2002) argumenta que as emoções são moldadas por um sistema de três componentes: Perceptual - destinado para a detecção de estímulos. Ele inclui elementos hereditários e também o resultado de experiências; Motivacional - responsável pela promoção, manutenção e orientação do comportamento dos indivíduos para determinados objetos; Comportamental - depende de três eventos, (a) a reação perceptível fisiológica, (b) pensamentos, e (c) comportamento manifesto.

Quando um sujeito sente fobia de Matemática, pode representar um caso relacionado com o primeiro componente, o medo da Matemática impede o desenvolvimento de atividades e da construção do conhecimento.

O prazer de ter obtido uma excelente nota em Matemática, pode ser uma emoção referente à segunda situação descrita.

Se o sujeito desenvolve estratégias para evitar situações, a exemplo de uma avaliação de Matemática, estaria enfrentando um caso do terceiro componente. Pode

ocorrer, por exemplo, a presença de transpiração quando ele pensa e decide não comparecer a um teste dessa disciplina.

Fazendo a conexão com as crenças, tais componentes derivam do significado de eventos emocionais que os alunos apresentam quando eles são ensinados ou quando eles aprendem. Neste sentido, crenças e emoções são fatores importantes no desenvolvimento de processos que têm a ver com o ensino e aprendizagem dos alunos, especialmente pelo fato de que muitos dos sucessos ou fracassos da escola não dependem somente das capacidades cognitivas dos indivíduos, mas sim do uso inteligente das emoções.

Retoma-se aqui para a inteligência emocional com o intuito de destacar a sua necessidade para se obter melhores resultados no campo da Educação Matemática.

A possibilidade de identificar ou reconhecer sentimentos e emoções, e saber lidar com elas, representa uma referência eficaz e produtiva que pode ser levado em conta quando se analisa processos de ensino, aprendizagem e avaliação de Matemática, que vai além da pura cognição.

Nas últimas duas décadas foram efetivados alguns estudos de grande relevância que abordam o campo das emoções e seu impacto na Educação Matemática. As emoções desempenham um papel importante na resolução de problemas, por isso seria um erro acreditar que a sua solução é uma questão puramente intelectual (DANTE, 2002, p. 80).

O processo de aprendizagem deve ser motivacional, de modo que este envolva a presença dos segmentos percepção e comportamento, que por sua vez são ligados pontualmente a afetividade.

Os pontos descritos até agora, apontam que as atitudes são predisposições comportamentais ou orientações afetivas que um indivíduo adquire e acompanha por uma reação de avaliação ou avaliativa, manifestadas através do prazer ou desprazer em direção a algum objeto ou situação, ou seja, constituem uma predisposição ou julgamento, crítico ou avaliativo, favorável ou desfavorável, que determina as intenções pessoais de indivíduos e é capaz de influenciá-los em seu comportamento em relação ao objeto.

A manifestação das atitudes dos indivíduos pode ser, entre outras, através de ideias, percepções, preferências, opiniões, crenças, emoções, sentimentos, tendência como agir ou comportamento. Com base nestas formas de manifestação ou expressão são necessários, em seguida, três componentes ou dimensões atitudinais, que são estruturados da seguinte forma:

1. Componente cognitivo (conhecimento): Tem o ônus da informação e experiência adquirida pelo sujeito do objeto e de sua atitude, se manifestam ou expressam através de suas percepções, ideias, opiniões e crenças da qual o sujeito é colocado a favor ou contra o comportamento esperado. A vontade de agir preferencialmente em direção ao objeto, pessoa ou situação está sujeita a este componente.

2. Componente afetivo (sentimento): Mostra-se através das emoções e sentimentos individuais de aceitação ou rejeição, ativados motivacionalmente na presença do objeto, pessoa ou situação que cria uma atitude, ou seja, o objeto como canalizador de sentimento contra ou a favor. Muitos autores o consideram como o único que verdadeiramente caracteriza as atitudes.

3. Componente comportamental (comportamento): É o resultado das ações entre as crenças e os sentimentos, ou seja, os elementos cognitivos e afetivos. É a inclinação ou tendência a agir, de acordo com o que se pretende fazer ou dizer, ou seja, da predisposição para responder e atuar de determinada forma.

A fim de desempenhar o papel, o melhor possível, para viver com sucesso na comunidade, os sujeitos podem construir determinadas e específicas atitudes em relação a um conhecimento. Neste caso, a comunidade necessita estar inserida onde o assunto também seja o objeto de outras interações.

As características de atitudes, podem ser resumidas em: não são inatas no assunto, mas aprende; são relativamente estáveis; envolvem relação a algo ou alguém; podem referir-se a uma ou várias coisas, uma ou mais pessoas; agem como um forte motivador do comportamento e pode se tornar a única motivação para executar as ações; são de grande importância social, porque elas são compartilhadas por muitas pessoas; pode ser expressa através da linguagem verbal ou não verbal; são transmissíveis; incluem a avaliação dos julgamentos, coisas avaliativas.

Observa-se que existe uma interligação notória entre o ensino de Matemática e os fatores do domínio afetivo, como as emoções, concepções, crenças e atitudes, especialmente quando se refere ao fracasso escolar dessa disciplina.

Dante (2002) relata que a insatisfação, frustração, alegria, prazer, aversão, o apego, a incerteza, medo, repulsa, desespero, resistência ou preocupação presente em muitas situações relacionadas à Matemática geram impacto sobre o sucesso ou fracasso na matéria.

O insucesso escolar não pode ser acolhido apenas como o fracasso dos estudantes, também a classe ou sistema social, econômico e político, que se colocam na base do conhecimento são responsáveis pelo insucesso escolar. Somado a isso estão muitos professores que mostram incapacidade de avaliar ou estabelecer uma ponte para ligar o conhecimento formal com o prático que os alunos já possuem.

No caso deste último, Dante (2002) acrescenta que esta falha depende, muitas vezes, do desenvolvimento cognitivo, massivo e também depende, com grande relevância, do papel das emoções no processo de aquisição e produção de conhecimento matemático.

Quanto aos livros didáticos, principal recurso do professor, alguns possuem informações desnecessárias, afastados da realidade do aluno, ou deixam de aprofundar em assuntos essenciais para o estudo da Matemática.

Para Dante (2002), muitos desses livros reproduzem valores e preconceitos determinados pela cultura dominante e os conhecimentos expostos são acabados, sem possibilidade de questionamento.

Os exercícios, assim como os exemplos, fogem a realidade da grande maioria dos alunos, além de utilizarem contextos incompreensíveis ou cuja interpretação é dificultada e priorizam o estudo do micro e representam conceitos do macro. O único sentimento que um livro assim desperta no estudando é o desprezo.

É constante a busca pelo culpado do fracasso escolar, o que ocorre, muitas vezes é apontar o aluno, a escola, o professor, a família, o social, o sistema econômico, político. Carvalho (2000, p.74) afirma que atribuir a culpa do fracasso ao aluno é desumano, “isentando o papel dos educadores e da ideologia dominante, quanto é perverso negar que possam ter, eles próprios algumas dificuldades que precisam ser consideradas, com vistas a minimizá-la ou eliminá-la”. Corroborando, Esteban afirma:

“o sucesso escolar, no nosso ponto de vista, está entrelaçado à construção de formas mais democráticas de vida social”. Na perspectiva de reconstrução das práticas e resultados escolares como parte de um processo mais amplo da recriação social, adquire destaque o/a professor/a como sujeito que avalia na sala de aula e suas possibilidades concretas de elaboração de práticas cotidianas capazes de contribuir com a construção do sucesso escolar de todas as crianças que cheguem à escola. (ESTEBAN, 2001, p. 28)

Blumenthal (2011, p.72) adverte para a necessidade de trabalhar com as interconexões. Trabalhar a Matemática com colegas de outras disciplinas:

Mas, as interconexões têm nos Temas Transversais como Ética, Saúde e Meio Ambiente, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual – uma infinidade de possibilidades de se concretizarem. Para isso, torna-se necessário que o professor trabalhe cada vez mais com colegas de outras disciplinas, integrando uma equipe interdisciplinar. A interação com seus colegas permitirá que os projetos desenvolvidos sejam mais interessantes e mais voltados a problemas da realidade.

Para isso, é necessário que haja confiança na própria capacidade, como também na dos discentes, a fim de construir conhecimentos matemáticos, assim como “(...) o respeito à forma de pensar dos colegas são alguns temas interessantes a serem trabalhados, ao se pensar no como desenvolver o tema transversal Ética” (BLUMENTHAL, 2011).

O aspecto afetivo influencia diretamente o desenvolvimento intelectual do estudante, podendo ditar o ritmo do seu desenvolvimento. A afetividade tem influência ainda sobre qual conteúdo o aluno vai se concentrar, focalizando sempre em algo de seu interesse. Com isso fica claro que o desenvolvimento intelectual está ligado não somente ao cognitivo, mas também afetivo (sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores, emoções em geral).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aluno, de uma forma geral, precisa ser visto como ser único, que tem sentimentos emoções, os quais podem sofrer intelectualmente se não forem tratados de forma sublime e respeitosa.

No âmbito escolar é fundamental que educadores entendam a importância da disseminação dos conceitos de inteligência emocional e da Afetividade na questão do ensino e da aprendizagem, pois muitas vezes alunos encontram-se acuados e com medo de tirarem suas dúvidas. Estes, acabam se retraindo e se tornam meros espectadores do professor, presos a educação tradicional, onde o professor é apenas um transmissor de conhecimento.

O conhecimento é oposto a esta submissão, a democracia deve nascer dentro das salas de aula, o aluno deve contestar, expor as suas opiniões, construir seus conceitos, esclarecer as suas dúvidas, ter voz. Professor que só fala e não ouve, não ajuda efetivamente na construção do conhecimento.

Os professores precisam estar abertos a dialogicidade e atentos que os seus alunos são seres humanos emocionais, assim, para que ocorra uma aprendizagem significativa, eles precisam estar bem emocionalmente. Além disso, eles são seres completos e que trazem consigo conhecimentos herdados de sua família, de seus amigos, da sociedade, de seu bairro, bem como de fatores como crenças, pontos de vista, opiniões, sentimentos ou emoções.

Precisamos fomentar em salas de aula a liberdade para os alunos exporem suas ideias para dizerem o que pensam. O aluno não pode ser criticado nem ridicularizado no momento do erro, visto que isso poderia causar um desafeto, um bloqueio, um distanciamento de uma aprendizagem significativa.

O aluno é um sujeito emocional como qualquer pessoa e, em qualquer nível de escolarização, precisa ser ouvido. Ele tem que se sentir seguro perante seus professores e seus colegas de classe. Cabe ao professor alimentar essa confiança.

A questão do estímulo à aprendizagem abrange a motivação que pode nascer do bom relacionamento professor e aluno. Esses estímulos estão diretamente ligados com a criação de laços de afetividade.

Os problemas emocionais estão em todos os âmbitos: na sala de aula com a relação professor e aluno; no convívio familiar; na luta pela sobrevivência; na competitividade no mercado de trabalho; com o aumento do custo de vida; com a existência de menos empregos. Assim, cada vez mais se faz necessário trabalhar as esferas afetividade não só nos espaços formais de ensino, mas em toda a sociedade.

O domínio afetivo e seu impacto na Educação Matemática, constitui um campo de ações de investigação que atualmente é muito relevante, especialmente quando se quer compreender, identificar e reconhecer esse domínio, para com isso contribuir para a transformação e melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL (MEC). **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: Distrito Federal. 1996.

DICIONÁRIO AURÉLIO. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Nova Fronteira. 1 cd-rom. 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2007a.

_____. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007b.

FREIRE, Paulo. SHOR, Ira. **Medo e Ousadia.** 3ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GOLEMAN, D. (1996). **La inteligencia emocional,** (E. Mateo, Trad.). España: Javier Vergara Editor (Trabajo original publicado en 1995)

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação.** São Paulo. Cortez, 1990.

MONTEIRO, Maria Therezinha de Lima. **Cognição e Afetividade: Piaget e Freud. Contribuições da neurociência cognitiva. Novos Rumos da Psicopedagogia.** Brasília: Scala Gráfica e Editora. 2004.

NOVAES. **Psicologia do ensino-aprendizagem.** São Paulo: Atlas.1976.

SALTINI, C.J.P. **Afetividade e inteligência.** Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1995.
_____. **As origens do caráter na criança.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.

WEIL, Pierre. **A criança, o lar e a escola.** 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988, p. 89